

## **16 de Outubro de 1931, em Madrid, num elétrico: 'Abba, Pater!'**

Tinha passado algum tempo numa igreja tentando rezar, mas sem conseguir. Ao sair da igreja comprei um jornal e apanhei o elétrico. Ali "senti afluir a oração de afetos, copiosa e ardente", perdido na contemplação "dessa maravilhosa realidade: Deus é meu Pai." São Josemaria sentiu "a ação do Senhor, que fazia germinar no meu coração e nos meus lábios, com a força de algo imperiosamente

necessário, esta terna  
invocação: Abba! Pater! Estava  
eu na rua, num elétrico."

15/10/2013

**Aprendi a chamar Pai, no Pai-  
nosso, desde pequeno: mas sentir,  
ver, admirar esse querer de Deus,  
de que somos seus filhos..., na rua  
e num elétrico - uma hora, hora e  
meia, não o sei -; tinha de gritar:  
Abba, Pater!**

Um dia, nos finais de Setembro de  
1931, Escrivá experimentou, com  
uma força avassaladora, a realidade  
da paternidade de Deus e o sentido  
da sua própria filiação. Contemplou  
essas realidades gozosas durante um  
longo período de oração, de união  
com Deus e de ação de graças.  
Anotou a experiência de modo  
conciso, mas com pormenor

suficiente para dar uma ideia do seu conteúdo: “Estive a considerar as bondades de Deus para comigo e, cheio de alegria interior, teria gritado pela rua, para que toda a gente soubesse do meu agradecimento filial! Pai, Pai! E - se não estivesse a gritar - baixinho, andei a chamar-lhe assim Pai! muitas vezes, com a certeza de Lhe agradar”.

## **16 de Outubro, *Abba Pater!***

Umas semanas depois, a 16 de Outubro, experimentou mais intensamente, e durante mais tempo, a realidade da sua filiação divina. Uma vez mais, este momento de oração sublime, que mais tarde definiria como a oração mais elevada que alguma vez Deus lhe havia concedido, não sucedeu num templo, mas na rua. Tinha passado algum tempo numa igreja tentando rezar, mas sem o conseguir. Ao sair da

igreja - era uma manhã radiosa de Outono - comprou um jornal e apanhou um elétrico. Aí “senti afluir a oração de afetos, copiosa e ardente”, perdido na contemplação de “essa maravilhosa realidade: Deus é meu Pai”. Escrivá sentiu “a ação do Senhor, que fazia germinar no meu coração e nos meus lábios, com a força de algo imperiosamente necessário, essa terna invocação: *Abba! Pater!* Estava eu na rua, num elétrico (...). Provavelmente fiz aquela oração em voz alta.

E andei pelas ruas de Madrid, talvez uma hora, talvez duas, não o posso dizer, o tempo passou sem o sentir. Devem-me ter tomado por louco. Estive a contemplar com luzes que não eram minhas essa assombrosa verdade, que ficou acesa como uma brasa na minha alma, para jamais se apagar”.

*Escrivá entendeu que esta experiência não devia ser exclusivamente pessoal. Pelo contrário significava que o sentido da filiação divina seria uma característica fundamental do espírito do Opus Dei.*

## **Tu és Cristo**

Anos mais tarde, ao recordar esta experiência, Escrivá deu-se conta da íntima conexão que havia entre os sofrimentos por que passara e o sentido da filiação divina: “Quando o Senhor me dava aqueles golpes, por volta de 1931, eu não o entendia. E, de repente, no meio daquela amargura tão grande, essas palavras: tu és meu filho (Salmo 2,7), tu és Cristo. E eu só sabia repetir: *Abba, Pater!; Abba!, Abba! Abba!!* Agora vejo -o com uma luz nova, como uma nova descoberta: como se vê, com o passar dos anos, a mão do Senhor, da Sabedoria divina, do Todo Poderoso. Tu fizeste, Senhor, que eu entendesse

que ter a Cruz é encontrar a felicidade, a alegria. E a razão – vejo-o com maior clareza que alguma vez o vi - é esta: ter a Cruz é identificar-se com Cristo, é ser Cristo, e, por isso, ser filho de Deus”.

Escrivá entendeu que esta experiência não devia ser exclusivamente pessoal. Pelo contrário significava que o sentido da filiação divina seria uma característica fundamental do espírito do Opus Dei, e Escrivá pediu a Deus que a conservasse sempre nos seus membros. Numa ocasião rezava: “Senhor, peço à tua Mãe, a São José nosso Patrono, ao meu Arcanjo ministerial, que peçam para mim e para os meus filhos sempre este espírito. *Ne respicias peccata mea, sed fidem*. Essa fé, essa luz, esse amor à Cruz, à morte! Essa luz divina, que nos fará compreender sempre com clareza que vale a pena cravar-se na Cruz, porque é entrar na Vida,

embriagar-se na Vida de Cristo. A Cruz: ali está Cristo, e tu tens que te perder n'Ele! Não haverá mais dores, não haverá mais fadigas. Não deves dizer: Senhor, não posso mais, sou um desgraçado... Não!, não é verdade! Na Cruz serás Cristo, e sentir-te-ás filho de Deus, e excluirás: *Abba, Pater!*, que alegria encontrar-Te, Senhor!”.

Naturalmente, a paternidade de Deus é uma verdade revelada por Cristo e faz parte importante da doutrina cristã. Como tal, estava presente no espírito do Opus Dei desde os seus começos. Contudo, agora assumia uma nova importância na própria vida de Escrivá e na dos fiéis da Obra. Em 1969 Escrivá explicava: “Poder-vos ia até dizer quando, o momento, onde foi aquela primeira oração de filho de Deus.

Aprendi a chamar Pai, no Pai-nosso, desde pequeno; mas sentir, ver,

admirar esse querer de Deus de que sejamos seus filhos..., na rua e num elétrico - uma hora, hora e meia, não o sei -, tinha de gritar: *Abba Pater!*

Há no Evangelho umas palavras maravilhosas; todas o são: ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o filho o quiser revelar (Mt. 11,27). Naquele dia, naquele dia, quis de uma maneira explícita, clara, determinante, que, comigo, vós vos sintais sempre filhos de Deus, deste Pai que está nos Céus e que nos dará o que pedirmos em nome do seu Filho”.

Extrato do capítulo "Filhos De Deus", de *A Fundação do Opus Dei*, John F. Coverdale, Ed. Ariel, 2002.

de-1931-em-madrid-num-eletrico-i-  
abba-pater-i/ (26/01/2026)